

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



A EVOLUÇÃO DE UM CONTEXTO HABITACIONAL DE IDADE MODERNA, NO BECO DAS BARRELAS, ALFAMA

Filipe Santos Oliveira / Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP) – Assistente de investigação /
filipe.alexandre.so@gmail.com

Vasco Alexandre Correia Noronha Vieira / Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP) – Assistente de investigação /
vav@sapo.pt

RESUMO

Os autores apresentam o contexto habitacional de um arqueossítio, em Idade Moderna, da cidade de Lisboa. O sítio do Beco das Barrelas em Alfama, localizado numa área de longa ocupação humana, sofreu durante a Modernidade um conjunto de processos construtivos que resultaram no desenvolvimento de um espaço habitacional, cujo traçado, em alguma medida, sobreviveu até aos nossos dias. O local destaca-se pela preservação no registo estratigráfico de múltiplos vestígios estruturais dos diferentes momentos de ocupação e fases de remodelação do espaço e os respectivos conjuntos materiais. Procura-se assim caracterizar a evolução do espaço ao longo da sua história ocupacional, e com recurso a dados contextuais estratigráficos, definir cronologias para estas transformações.

ABSTRACT

The authors present an archaeological site containing a habitational context of Modern Age Lisbon. The Beco das Barrelas in Alfama, located in an area marked by a prolonged human presence, suffered during the Modern Age a series of transformations that resulted in the development of a living quarter, whose frame, survived, in some extent to this day. This place stands out for having preserved in its stratigraphy several structural remains, from the different occupational stages and architectural changes, together with a vast collection of household materials. It's our objective to analyse the evolution of this place throughout its history the Modern age, to this day, with the help of the structural data and the materials, and define chronologies for these transformations.

1.

O foco do presente estudo é um sítio lisboeta onde os trabalhos arqueológicos expuseram um contexto habitacional moderno, um caso particular, que apresentava preservado na sua estratigrafia um claro registo da evolução do edificado. As estruturas exumadas e a cultura material recuperada foram posteriormente analisadas (Oliveira, 2012), o que permitiu obter um conhecimento algo detalhado da sua história ocupacional.

Ao longo deste trabalho tentaremos apresentar uma perspectiva da evolução deste edificado, desde a sua formação até ao seu abandono, recorrendo quase exclusivamente aos dados arqueológicos, devido ao

cariz inexistente ou parcelar da informação documental referente a esta zona de Lisboa.

2. A INTERVENÇÃO

O arqueossítio do Beco das Barrelas nº.8-12 situa-se na rua do mesmo nome, junto ao Largo de S. Rafael, em Alfama, Lisboa (fig.1). O local é hoje ocupado por um edifício habitacional de quatro pisos, apresentando uma traça típica dos inícios do século XIX. A execução de trabalhos arqueológicos resultou da necessidade de proceder à reabilitação do edifício. A intervenção, iniciada em 2005, foi coordenada por uma equipa do Museu da Cidade, composta pelo Doutor Rodrigo Banha da Silva e pela Dr.ª Cristina

Nozes, e ainda pelo Dr. Pedro Miranda da U.P.A. Num primeiro momento os trabalhos resumiram-se à abertura de diversas sondagens de planta quadrangular ao longo da área interna do edificado, de modo a reconhecer o seu potencial estratigráfico. No entanto, entre 2008 e 2009 o espaço foi intervencionado na totalidade tendo os trabalhos contado com a participação de diversos alunos de Licenciatura de Arqueologia da FCSH-UNL, no decorrer do seu estágio prático. O restante espaço do edificado, uma área situada a SE, foi ainda intervençionada em 2012, desta vez apenas pela Dr.^a Cristina Nozes e pelo Dr. Pedro Miranda (fig.2).

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

Os trabalhos permitiram expor um complexo registo estratigráfico, muito exemplificativo da longa diacronia ocupacional que marcou esta área da cidade de Lisboa, e dos quais o espaço moderno é indissociável. Os testemunhos mais antigos correspondem a vários silos escavados no substrato geológico, desactivados e selados aquando da expansão da cidade para os seus arrabaldes. Os materiais recolhidos do seu interior colocam este processo nos finais da ocupação islâmica ou inícios do período cristão, momento a partir do qual se terá procedido à gradual urbanização deste espaço.

Neste local o processo de desenvolvimento da malha urbana terá sido fortemente influenciado pela presença da Cerca Moura, e sobretudo da Torre de S. Pedro de Alfama, e ainda pela formação da “Juduaria de Alfama”, ali presente, pelo menos, desde o segundo quartel do século XIV (Schwartz, 1953, p. 59). Apenas um elemento, um grande muro de silharia exposto durante a intervenção, se demonstrou passível de ser associado a este período cronológico, embora tendo sido impossível confirmar a natureza do espaço em que estaria incluído. A ligação com o espaço da juduaria plausível, sendo até relacionável com a Sinagoga, que alguns autores apontam para este espaço (Schwartz, 1953, pp. 60-61). Esta edificada durante o reinado de D. Fernando I foi mandada encerrar por este, em 1374, por os seus rituais perturbarem o funcionamento da Igreja de S. Pedro de Alfama (Silva, 2008, p. 248).

A desactivação do templo terá promovido a integração do espaço na malha urbana, existindo referências de que o edificio terá sobrevivido até aos inícios do século XVI (Silva, 1987, pp. 120-121).

O desenvolvimento da área terá prosseguido, sendo que o Largo de S. Rafael, em finais no último quartel do século XVI, mostrava um urbanismo orgânico muito desenvolvido, como é visível na Gravura de Leiden. Aqui pudemos observar um aglomerado de casas com três pisos, mostrando telhado de duas águas, e fachadas rectas marcadas por duas janelas. No entanto, e contrariando estas fontes, o arqueossítio do Beco das Barrelas parece ter estado desocupado neste momento, tendo sido do espaço localizado a SE do arqueossítio, o actual edificio nº.12 do Beco das Barrelas, na altura ocupado nesta fase, donde partiu o seu processo de desenvolvimento.

4. O CONTEXTO HABITACIONAL

Formação – fase I

O desenvolvimento da área do Beco das Barrelas iniciou-se aquando do entulhamento e nivelamento do espaço, com vista ao preparar do terreno para a edificação posterior. Os sedimentos aqui usados apresentavam grande número de fragmentos cerâmicos, proveniente de descartes domésticos, os quais, misturados com cal, atribuíam maior consistência ao pavimento. A cultura objectual recuperada (fig.3a) mostra grande diversidade, incluindo peças de cozinha e serviços de mesa em barro vermelho, os ocasionais alguidares e penicos de superfícies vidradas, e ainda produções mais finas como a faiança portuguesa, os vidrados de sal alemães e a porcelana chinesa, sobretudo de período Wan-li. Este acervo associado a um ceitel de D. Sebastião recuperado de entre estes níveis, permitiu colocar o início dos trabalhos de construção nas primeiras décadas do século XVII.

O espaço, após a preparação do terreno, foi calcetado com seixo basáltico de pequena e média dimensão, tendo a sua disposição tido em consideração a inclinação natural do terreno (NO-SE) (fig.4). Este processo construtivo esteve, segundo a nossa perspectiva, fortemente ligado à integração da área do Beco das Barrelas nº.8 num espaço habitacional, mais alargado, com base o compartimento quadrangular a SE. Uma evidência a favor desta proposta será a inclusão no centro da calçada de uma pequena vala de escoamento, no sentido NE-SO, disposta de forma a desviar as águas pluviais da entrada desse espaço. A incorporação deste espaço, como uma área aberta, dentro de um contexto habitacional superior, parece ser a materialização do modelo de casa de pátio

interior. O espaço calcetado formaria assim uma área aberta, mas interior, provavelmente fechada por emparedamentos ou muros, formando assim um compartimento privado, onde, interessante-mente, é possível observar duas estruturas opostas, em argamassa e tijoleira, de forma paralelepípedica, que funcionariam provavelmente como bancos, de- notando um cariz lúdico.

O desenvolvimento do espaço – fase II

O espaço do Beco das Barrelas seria posteriormen- te readaptado, à medida que o desenvolvimento da habitação prosseguia. Este processo parece ter sido iniciado com a substituição da anterior calçada de seixos por um novo piso, este agora em terra bati- da e argila. O novo pavimento foi colocado direc- tamente sobre o anterior, tendo, à semelhança da primeira fase, sido utilizados lixos domésticos na sua consolidação. Estes eram compostos por cul- tura material característica do segundo quartel do século XVII (fig.3b), permitindo-nos assim datar esta modificação.

Prosseguindo com a transformação do espaço foram colocadas cinco dormentes de mós desactivadas, dispostas ao longo da área, as quais terão sido usa- das na sustentação de um segundo piso. Um lance de escadas foi também acrescentado na parede NO do compartimento, permitindo assim o acesso ao piso superior. O espaço foi ainda compartimentado, por meio da colocação de tabiques de madeira apoiados nos postes de sustentação do segundo piso, forman- do assim uma divisão sub-quadrangular, de maiores dimensões, definida como C.1, que apresentava liga- ção com o edifício a SE e a entrada para o vão de es- cadas. Outra de perfil rectangular, o C.2, a Norte do primeiro e a este ligado por uma porta. O C.3 é um pequeno espaço de planta rectangular, ligado ao C.1, e localizado sob as escadas. Esta nova disposição do arqueossítio parece reflectir uma alteração da lógica ocupacional, com a área calcetada a perder o seu pro- pósito e a ser reorganizada e integrada na habitação. O novo edifício apresentaria uma tipologia seme- lhante às registadas por Hélder Carita no Bairro Alto, mostrando dois ou mais pisos de comparti- mentos estreitos e compridos (Carita, 1994, p.107), algo comum em áreas de grande densidade popula- cional. A sua área ficou registada na Planta de Lisboa, produzida por João Nunes Tinoco, em 1650, sendo possível notar que grandes semelhanças com aquela que apresentará em fases posteriores.

Reformulação do espaço – fase III

A organização definida na segunda fase do edificado foi, *grosso modo*, mantida aquando do novo proces- so construtivo. Este caracterizou-se pelo manter da disposição dos compartimentos sendo, no entan- to, os tabiques substituídos por emparedamentos de argamassa e tijolo sobre estruturas de madeira (fig.8). As diferentes divisões foram ainda repavi- mentadas, tendo nos espaços de maiores dimen- sões, o C.1 e o C.2, sido colocado um pavimento de seixo rolado, enquanto no C.3 e num dos cantos do C1 foram construídos pavimentos de tijoleira (fig.5). Estes trabalhos parecem ter ocorrido durante as pri- meiras décadas do século XVIII, tendo sido recupe- rada entre os pavimentos uma moeda de D.João V, cunhada em 1727, cuja datação confirma a cronologia do acervo material recolhido.

As alterações observadas nesta fase parecem de- mostrar que a lógica previamente observada, de aumento da área habitacional através da expansão do espaço “coberto” do edificado, foi nesta fase al- terada. Agora os seus ocupantes parecem focar-se na qualidade do próprio espaço habitacional, através do reforço da estrutura interna dos compartimentos, trocando as divisórias perenes por emparedamentos mais robustos, o que permitiu também uma melhor sustentação do piso superior, como é possível ob- servar na nossa proposta de reconstituição (fig.7), o que poderá indicar que este também terá sofrido al- terações. O reformular dos pavimentos reflecte uma lógica clara de organização espacial, sendo os com- partimentos maiores, provavelmente áreas comuns calcetadas e os menores funcionando como espaços de armazenamento apresentavam tijoleira, ao mes- mo tempo que representa uma tentativa de tornar o espaço habitacional mais salubre.

O espólio recuperado desta fase demonstra que as alterações observadas na organização do edificado foram acompanhadas por mutações na cultura ma- terial dos seus ocupantes (fig.3c), de que se destaca a substituição dos serviços de mesa em barro verme- lho, por pratos e taças em faiança portuguesa, ou a adopção de novos hábitos lúdicos como o consumo de tabaco, indicado pela presença de vários cachim- bos de grês holandeses.

Consolidação do espaço – IV fase

Representando o consolidar do processo até agora observado, durante esta fase o espaço é submetido a duas alterações. A disposição dos compartimentos,

quer a sua organização como a sua natureza é mantida inalterada, com a excepção do C.1, que foi reparado com um soalho em tabuado de madeira, cujo negativo ficou totalmente preservado na estratigrafia do local (fig.6), e o C.3, a dispensa, onde o anterior pavimento em tijoleira foi substituído por outro de terra batida. O C.2 não apresentou alterações tendo a calçada de seixos, colocada no terceiro momento, sido mantida aparentemente intacta.

A remodelação do espaço habitacional observada nesta fase poderá resultar de uma modificação na funcionalidade de alguns dos compartimentos desta habitação. A colocação do chão em soalho de madeira no C.1 estará provavelmente associada com a transformação desta divisão numa área de cariz residencial (fig.8), onde um tabuado de madeira apresentaria vantagens sobre uma calçada de seixo, permitindo uma maior conservação térmica, e em geral criando um espaço habitacional mais apropriado.

Em relação ao C.3, os trabalhos arqueológicos permitiram compreender que um momento destrutivo, um incêndio, que deixou profundas marcas no pavimento em tijoleira, tendo, interessantemente, os ocupantes deste espaço optado por substituir por outro em terra batida.

O fim desta fase foi marcado por um evento destrutivo cuja consequência foi a desactivação do espaço. O registo estratigráfico mostrava marcas de incêndio e indícios de danos estruturais, tendo sido expostas grandes unidades de cinza e muita cerâmica de construção e argamassas, o que associado à preservação *in situ* de muitos vestígios, como duas talhas no canto NO do C.2, enterradas pelos entulhos, ou o conjunto de peças em ferro¹, ainda arrumadas no C.3, evidenciando um processo de destruição rápido. A cultura material recuperada de entre os entulhos (fig.3d) em associação com um numisma de D. José, datado de 1757, recuperado de entre os níveis de entulhamento deste contexto, permitiram-nos supor que estes danos foram causados pelo terramoto de 1755.

Após este evento a habitação foi mantida a uso, tendo sido colocado um pavimento de calçada sobre os entulhos, aparentemente até aos finais do século XVIII ou inícios do século XIX. Eventualmente o

1. O conjunto incluía uma complexa parafernália, mostrando dois caldeirões, um machado, uma pá, pregos de diversas dimensões, um aro, pertencente e uma tina de madeira, uma faca, e algumas balas de canhão de pequena dimensão.

espaço foi abandonado sendo substituído pelo edifício actual, o qual aproveitou a planta do espaço original, aspecto visível no interior do C.3, onde é observável a sobreposição das paredes-mestre de ambas as casas. No entanto, é igualmente possível notar algumas modificações estruturais ainda hoje presentes, como o vão do portão, ou o arco que se encontra sobre o perfil SE, já típicas dos finais do século XVIII e inícios do XIX.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu-nos conhecer um pouco do complexo desenvolvimento de uma habitação na cidade de Lisboa durante a Modernidade. Ao longo da formação deste contexto, desde os inícios do século XVII até aos meados do século XVIII, a iniciativa privada demonstrou-se como o principal catalizador de mudança. Quer representada pelas pequenas alterações ao edificado produzidas ao longo de gerações, como pelas grandes modificações que afectaram a própria malha urbana do largo de S. Rafael, este factor demonstrou determinante no processo evolutivo deste arqueossítio, algo fascinante quando consideramos que provêm dos estratos mais baixos da sociedade.

No entanto este arqueossítio também demonstra a importância na formação do registo arqueológico da casualidade, na forma de eventos inesperados, tão comuns à existência humana, que obrigam a alterações de planos ou objectivos. Aqui o exemplo dominante será a transformação observada no C.3 na transição da III para a IV fase, onde a destruição de um pavimento obrigou à sua substituição por outro tecnologicamente inferior.

No geral o Beco das Barrelas demonstrou-se como um interessante objecto de estudo, fornecendo muita informação sobre esta tipologia de contexto, no entanto, não podemos deixar de afirmar que o processo aqui estudado é representativo de um conjunto de eventos particulares a um sítio, o que dificulta a sua extrapolação para a generalidade da sociedade portuguesa de Idade Moderna.

Esta situação não retira importância aos dados obtidos do seu estudo, devendo sim ser encarados como mais um contributo para o nosso conhecimento da cidade de Lisboa de Idade Moderna, e do *modus vivendi* das comunidades que a habitavam.

BIBLIOGRAFIA

CARITA, Helder (1994) – *Bairro Alto: Tipologias e Modos Arquitectónicos*, 2ª edição, Câmara Municipal de Lisboa.

OLIVEIRA, Filipe Santos, (2012) – *Espólio de Idade Moderna do Beco das Barrelas, Alfama, Lisboa* (Dissertação de Mestrado), Lisboa: FCSH-UNL (<http://hdl.handle.net/10362/9244>).

SILVA, Carlos Guardado da Silva, (2008) – *Lisboa Medieval: A organização e a estruturação do espaço urbano*, Edições Colibri, Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da Silva, (1987) – *A Cerca Fernandina de Lisboa*, vol.II, Lisboa.

SCHWARTZ, Samuel, (1953) – A Sinagoga de Alfama. In: *Revista Municipal*, nº.56, ano XIV, Lisboa, pp. 57-61.

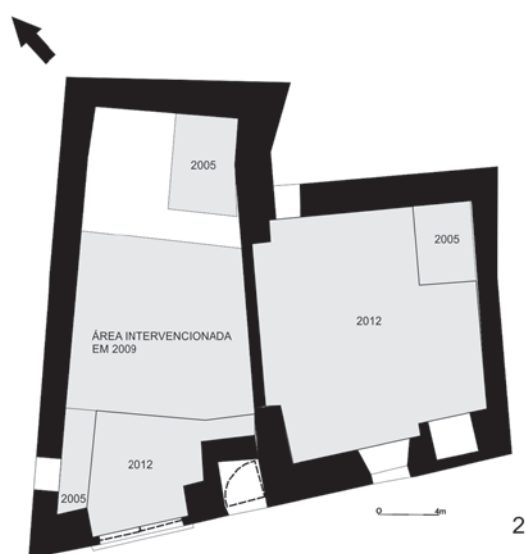


Figura 1–1) Planta do Largo de S. Rafael – Alfama, com Beco das Barrelas, nº8 assinalado (Fonte: CML). 2) Planta do nº8, com as áreas intervenionadas assinaladas.

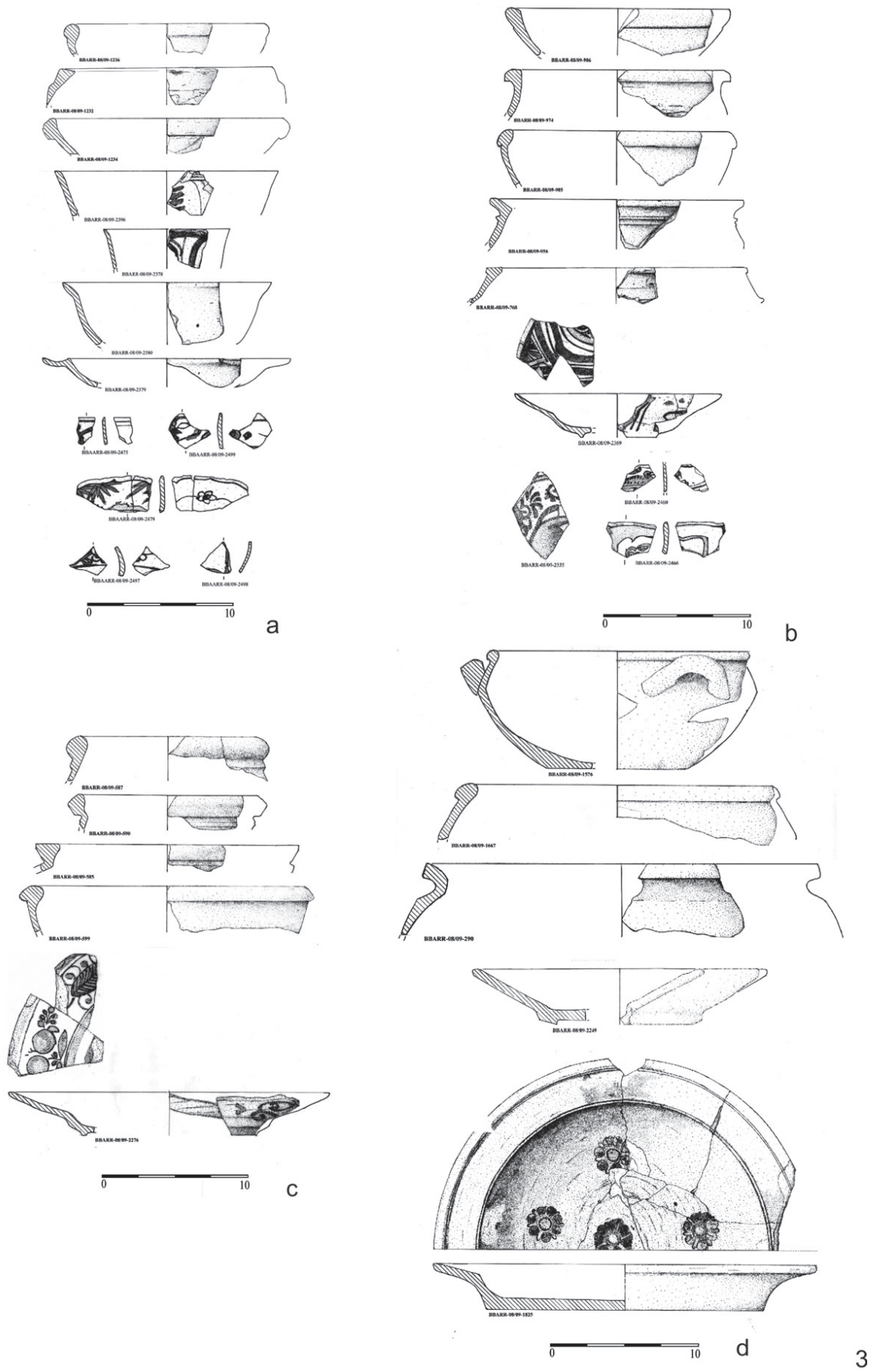


Figura 2 – Cultura Material: a) Fase I; b) Fase II; c) Fase III; d) Fase IV.



Figura 3 – 4) Planta da fase I; 5) Planta da fase III; 6) Planta da fase IV.

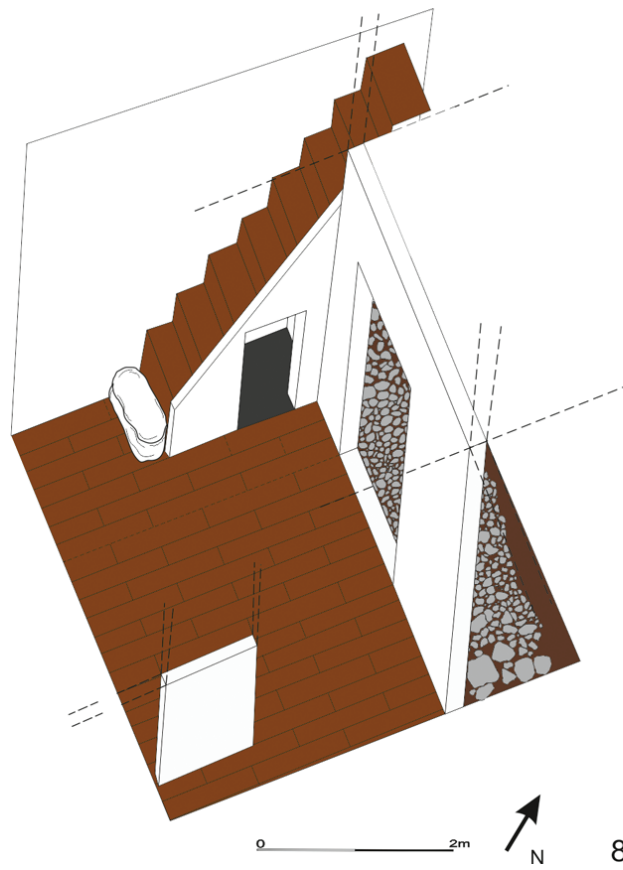
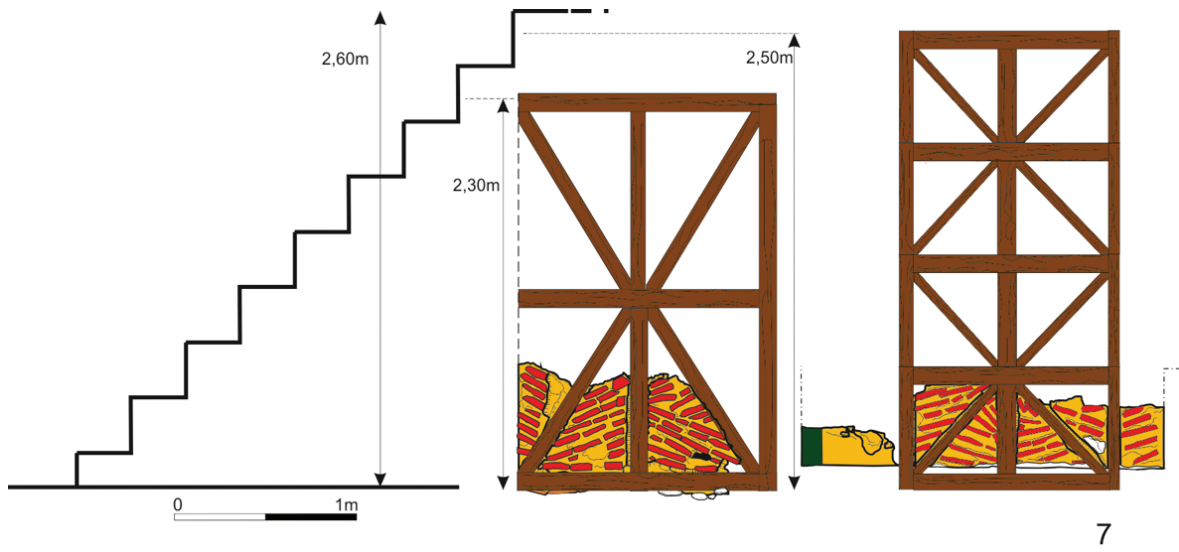
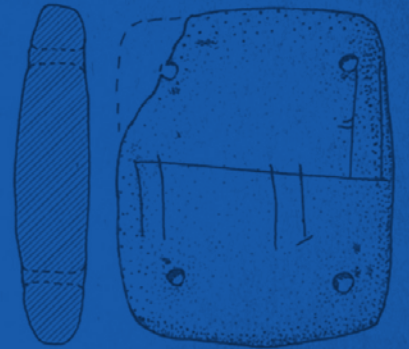
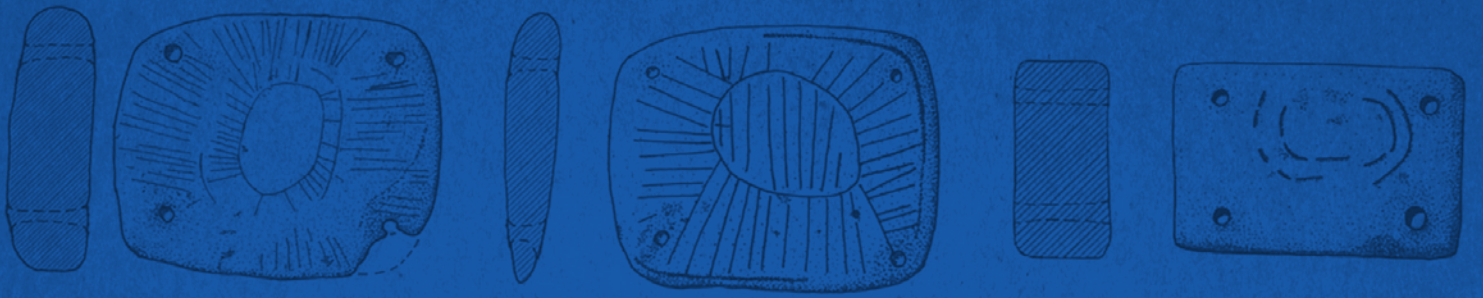
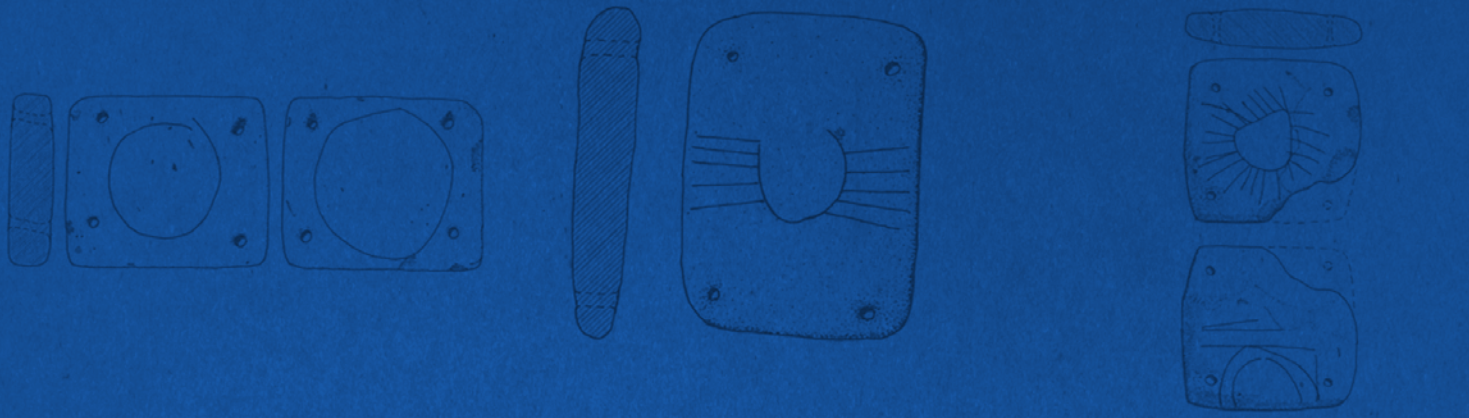


Figura 4 – 7) Proposta de reconstituição dos tabiques e das escadas, fase III, com base nos negativos to travejamento e dos degraus apresentados; 8) Proposta de reconstituição da área, Fase IV.

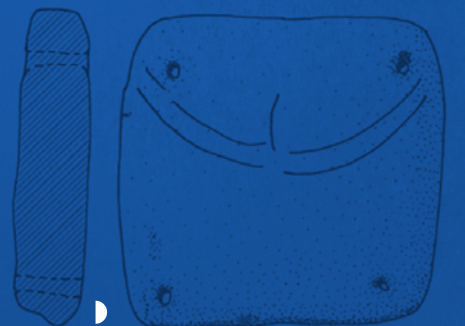


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua